

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA SINTHIA SABINO COSTA¹:

KARINA GIACOMELLI ⁶:

¹Universidade Federal de Pelotas – sinthiacosta1998@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – karina.giacomelli@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Residência Pedagógica era um programa que visava integrar teoria e prática na formação de professores, promovendo a imersão de estudantes em escolas. Os residentes vivenciam a realidade escolar, desenvolvem projetos de ensino e recebem orientação de professores da universidade e da escola onde atuam. O objetivo é aprimorar a formação docente, contribuindo para a melhoria da educação. O programa foi criado em 2017, através da Portaria nº 1.144 do Ministério da Educação. A iniciativa buscava desenvolver competências docentes, promover a reflexão sobre a prática pedagógica e fortalecer a relação entre as instituições formadoras e as escolas de educação básica. Além de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no Brasil.

O presente trabalho apresenta relatos de atividades relacionadas a questões da cultura indígena em escolas não indígenas realizadas durante a vigência do programa de Residência Pedagógica da Universidade Federal de Pelotas, no período letivo de 2023/2, em uma turma de sétimo ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Francisco Simões, localizada na cidade de Pelotas – RS. O núcleo língua portuguesa, no qual foram planejadas as atividades, era orientado pela professora Karina Giacomelli.

O principal objetivo desse relato é fazer uma reflexão sobre a importância de trabalhar a cultura indígena nas escolas não indígenas, baseadas nas políticas educacionais integracionistas, e sobre a política educacional que destaca a necessidade de se trabalhar a interculturalidade e o respeito às diferenças. A educação vai muito além dos conteúdos escolares historicamente sistematizados, incluindo no ensino e aprendizagem o conhecimento dentro e fora do ambiente escolar. Freire (2003, p. 40) reitera que “A educação é sempre uma certa teoria de conhecimento posta em prática [...]”; desse modo, é possível afirmar que a educação tem ampla dimensão de ultrapassar os muros escolares.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

O processo para a organização do trabalho na escola foi feito a partir da reflexão sobre como trabalhar, em escolas não indígenas, de forma pensada e cuidadosa temas importantes sobre diferenças culturais sem a utilização de estereótipos. Também foi pensado em como fazer da escola uma aliada na valorização de temas importantes fora do mês “apropriado”, principalmente no enfrentamento e superação das práticas e culturas colonialistas.

A iniciativa sobre o tema deu-se por meio da autora deste trabalho, professora residente e indígena. Assim, em novembro de 2023, no módulo final do programa, dedicado às atividades de docência, iniciou-se o trabalho sobre questões indígenas na turma 7º ano 2 no turno matutino, constituída por adolescentes de 12 e 15 anos.

As aulas foram pensadas e projetadas para a turma, levando os saberes e fazeres dos povos indígenas, destacando o conhecimento da cultura da etnia Kokama para a classe. Partiu-se da ideia de que a escola deve oportunizar o conhecimento e a compreensão da cultura indígena, já que, como apontam Russo e Paladino (2016, p. 1), a

[...] superficialidade com que a história e a cultura dos mais de trezentos povos indígenas existentes no país são reduzidas no cotidiano escolar, mas também a forma limitada e pontual com que são abordadas [faz com que] geralmente a temática indígena não ultrapassa a segunda semana do mês de abril dentro do projeto pedagógico escolar.

Sendo assim, essa temática foi trabalhada no mês de novembro, tratando cultura indígena e estereótipos; leitura sobre educação contra estereótipos; conhecimento sobre as etnias da região; ancestrais indígenas (dos alunos); tradições e palavras indígenas.

No começo, a temática “cultura indígena” foi desenvolvida a partir da seguinte provocação: “Fale em voz alta qual a primeira coisa que lhes vem à cabeça quando você ouve a palavra índio”?

Cada resposta foi escrita no quadro. Foram relatadas questões como: “gente pelada/nu”, “flecha”, “saia”, “cocar”, “floresta”, “gente que corre na floresta nua”, “homem que canta” (imitações de gritos com a mão na boca) e dentre outras respostas.

Em seguida, a mesma questão foi colocada, mas com a troca da palavra “índio” por “indígena”: “Falem em voz alta qual a primeira coisa que lhes vem à cabeça quando ouvem a palavra indígena”? O que aconteceu foi um silêncio em que os estudantes se entreolharam e quando falaram foi para dizer: “ó sora, a gente já não respondeu”?

Após isso, foi pedido que eles pesquisassem no Chromebook ou no celular os significados das duas palavras e anotassem em seus cadernos, sendo dado 10 minutos para que fizessem a pesquisa. Ao final, foi solicitado que explicassem o que encontram e comentassem entre si a diferença. Nas pesquisas e nos comentários apareceu a palavra “estereótipo”, que eles disseram desconhecer. Por isso, o sentido foi lhes explicado dando exemplos relacionados aos comportamentos com os quais os alunos costumam ser identificados, como: o “bom aluno”; o “mau aluno”, o “doidão”; o “bagunceiro”; o “tímido”, o “esforçado”.

Depois, foi proposta a leitura da notícia: “Dia dos Povos Indígenas: educação é fundamental contra estereótipos”, lida silenciosamente pelos alunos. Quatro alunos pediram para ler para turma, e divididas as partes, iniciou-se a leitura oral.

As atividades de interpretação a seguir foram realizadas com questões como:

(1) Alguém já conhecia a palavra estereótipo? (2) Sobre o que o autor fala no texto? A partir dessa questão, houve uma discussão sobre como estereótipos acabam sendo a base de preconceitos.

Foi ressaltado, nas respostas deles, o modo como haviam definido a palavra “índio”, pois aquelas expressões representavam estereótipos sobre um grupo/comunidade. Dessa forma, foi possível apontar que uma visão estereotipada rotula o indivíduo por seu comportamento apenas a partir do seu gênero, etnia, cultura, ou religião, dentre outros.

Nas próximas aulas, o assunto foi as contribuições da cultura indígena para formação do Brasil, os hábitos que brasileiros têm hoje em dia por causa dos povos originários e o conhecimento medicinal. Também lhes foram mostradas palavras de origem indígena que influenciaram na língua portuguesa e apresentadas algumas palavras indígenas e seus significados no quadro. Com isso, foi organizado um

“Bingo/palavras indígenas” a ser realizado em aula posterior. Foi uma atividade muito divertida e participativo.

Ao final do módulo didático, foi organizado um mural informativo da cultura indígena.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência real em sala de aula proporcionou uma dimensão sobre como é de fato o trabalho prático de educador em sala de aula. Essas atividades já oportunizaram um ganho de experiência ao residente permitindo o conhecimento do planejamento e da preparação que antecede o momento em que o professor está em sala de aula em situação de interação e aprendizagem com os alunos.

É necessário destacar que, apesar da dificuldade do professor em colocar em prática os ensinamentos da diversidade cultural, como, por exemplo, dos povos indígenas, o trabalho realizado parece ter sido apreciado pelos alunos, dado o empenho e interesse nas aulas.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In: **Ação Cultural para a liberdade: e outros**

escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Disponível em: [http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/vida/ater/livros/A%C3%A7%C3%A3o Cultural para a liberdade.pdf](http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/vida/ater/livros/A%C3%A7%C3%A3o%20Cultural%20para%20a%20liberdade.pdf). Acesso em 25 de abril de 2023.

RUSSO, Kelly; PALADINO, Mariana. A lei n. 11.645 e a visão dos professores do Rio de Janeiro sobre a temática indígena na escola. Rio de Janeiro, **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n.67, out.-dez, 2016, p.897-921. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/ddSPjhRCgGSBhLd7DFSr7LN/> Acesso em 30 de setembro de 2024.